

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ROBERTO DANTAS DE LIRA**

**UMA VERSÃO DO SERIDÓ**

**NATAL – RN  
2005**

**ROBERTO DANTAS DE LIRA**

**UMA VERSÃO DO SERIDÓ**

**Monografia apresentada à disciplina Pesquisa  
Histórica II do curso de História da  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,  
sob a orientação da Professora Ms. Maria da  
Conceição Guilherme Coelho.**

**NATAL – RN  
2005**

## **DEDICATÓRIA**

**Aos meus pais, Raimundo Dantas de Lira e Raimunda dos Santos Lira e aos meus irmãos, Robson e Rosângela Dantas que tornaram esse sonho possível, dedico este trabalho.**

## **AGRADECIMENTOS**

**A minha orientadora Maria da Conceição Guilherme Coêlho, pela dedicação e inspiração que muito me foi útil, meus sinceros agradecimentos e admiração.**

**A minha futura esposa Klígia Regina Fernandes de Lira, pela compreensão e paciência nestes dias monográficos tortuosos.**

**A professora Aurinete Girão pela valiosa contribuição durante todo o meu curso de História.**

**Ao meu amigo Rodrigo Torres de Moraes por me emprestar seu computador e suportar minhas digitações pelas ~~2~~ madrugadas.**

**A todos meus professores do Departamento de História que me ajudaram a ver o mundo de ~~vários~~ modos diferentes, os parabênzo pelo empenho e trabalho desenvolvidos durante todos esses anos.**

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO I A FORMAÇÃO DO SERIDÓ PELO CURSO DOS RIOS</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO II IMPLEMENTAÇÃO DAS FAZENDAS</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO III O COTIDIANO NAS FAZENDAS DO SERIDÓ SEC. XVIII E XIX</b>	<b>33</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>52</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>54</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

Nos primeiros tempos, a criação de gado foi uma atividade a que alguns se dedicam com o espírito demasiado independente para se submeterem à hierarquia social rígida da civilização açucareira: como não dispunham de capital para montar engenhos, adquirir escravos e plantar canaviais procuravam estabelecer-se sempre nas proximidades da costa ou dos rios [...].(ANDRADE, Manuel Correia de. A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste, p. 119).

O Seridó como um espaço geográfico, é uma área geográfica localizada no Estado do Rio Grande do Norte, sendo um dos afluentes do rio Piranhas, estendendo-se até ao estado vizinho da Paraíba. A sua extensão é considerável, pelo fato de possuir inúmeros afluentes e assim deu origem a denominação de várias localidades deste espaço.

Quanto ao seu estudo, decidimos fazê-lo por acharmos que há uma lacuna na historiografia atual, a falta de novos olhares sobre o surgimento do Seridó. Para tanto, propomos um trabalho monográfico que trata de seu povoamento, levando-se em conta a vital importância dos rios na região. É interessante notar, a presença destas análises em autores do século XVII. Antonil por exemplo faz clara descrição da necessidade dos rios para a montagem das fazendas e seus currais de gado, devendo-se se fazê-la, onde houvesse “largueza de campo e água sempre manante de rios e lagoas”; o viajante inglês Henry Koster na *Viagem ao Nordeste do Brasil* corrobora com esta idéia “As pessoas haviam se fixado aí por haver perto uma fonte d’água [...]”. p. 86-87.

Nestas duas primeiras análises que fizemos, já constatamos várias citações a respeito da importância destes rios para o povoamento do sertão seridoense. Assim, ligada a esta temática,

fizemos um levantamento bibliográfico inicial, analisando os livros *História do Rio Grande do Norte*, de Luís da Câmara Cascudo e Tavares de Lira, respectivamente, de Juvenal Lamartine *Velhos Costumes do Meu Sertão*, Olavo de Medeiros Filho *índios do Açu e Seridó* bem como, *Velhos Inventários do Seridó*, Manuel Rodrigues de Melo *Patriarcas e Carreiros*.

No passo seguinte, tratamos de relacionar os novos olhares da pesquisa histórica, tratando dos conceitos de mentalidade e o estudo do cotidiano na sociedade seridoense e suas transformações no decorrer dos séculos XVII ao XIX.

Na pesquisa monográfica, divide-se em três capítulos, sendo o primeiro, uma análise do povoamento inicial do Seridó em fins do século XVII, processo este ao qual verificamos a busca incessante de áreas nos sertões onde houvessem rios estrategicamente localizados. Fato este devido à importância primária que os rios possuem na sobrevivência tanto dos homens como de animais em qualquer lugar do mundo, bem como a possibilidade de um maior sucesso na empreitada ambiciosa por Portugal na sua colônia da América Portuguesa. Assim, entendemos o motivo vital da disputa pela água e da riqueza propiciada por ela, é este enfoque que faremos neste primeiro capítulo, um olhar pouco pesquisado pela historiografia.

No segundo capítulo, trataremos da produção do espaço seridoense, tendo como foco principal, a ação do criatório de gado, o por quê da escolha deste tipo de atividade nos sertões, o capital investido, a realidade do negócio de como se implementou a fazenda de criar gado, quais foram os tipos de trabalho desenvolvidos, como se deu à expansão do criatório a partir da Segunda metade do século XVIII. A implementação da Companhia geral do Comércio de Pernambuco e Paraíba feita por Portugal, iremos analisar os motivos para a sua criação e quais os reflexos para a economia do Rio Grande do Norte.

O terceiro capítulo irá tratar do cotidiano das fazendas, quais as funções desenvolvidas pelos fazendeiros, como eles organizavam o trabalho em suas terras, como delegavam as

atividades aos seus empregados, quais os laços sociais que os ligavam, bem como o papel central desempenhado pela natureza específica do Seridó, quais costumes novos implementou aos homens que chegaram a estes sertões. Enfim, São estes aspectos que iremos discorrer e analisar a partir de agora.

## **CAPÍTULO I**

### **A FORMAÇÃO DO SERIDÓ PELO CURSO DOS RIOS**

[...] caminhando um passo brando pelas roças ia nas vingas nem tocando; reesmagava na areia os próprios passos, tinha o rio com margens engolidas por tabocas, feito mais de abandono que de estrada e muito mais de estrada que de rio onde em cacimba e lodo se assentava água salobra rasa. Salitroso era o também caminho da cacimba e mais: o salitroso era deserto (MAMEDE, Zila. Banho (rural). In: ALMEIDA Angela; CASTRO, Marize; MARINHO, Vera. *Esse humano dos meus gestos*. Natal: UFRN/CIENTEC, 2003. p. 88).

A poetisa Zila Mamede nascida no interior da Paraíba na Vila Nova Palmeira, que aos cinco anos de idade veio para o Rio Grande do Norte, mais especificamente, Currais Novos. Sempre dizia se lhe fosse possível escolher um lugar para nascer, este seria o Rio Grande do Norte, assim revela sua paixão pelo estado e principalmente pelo interior, nos fazendo remeter a região do Seridó através deste poema, fazendo-nos ver e sentir a rigidez do sertão, onde os passos dados, por menores que sejam, ficam impressos na areia, a areia que era o caminho para a possibilidade da manutenção da vida das pessoas naquele local, o rio, aquele mesmo, de águas turvas e salobras, apesar de não ser potável, gerara o brilho representado pelo caminho dos sertanejos e de sua sobrevivência.

Este mesmo rio serviu a ela durante sua estada em Currais Novos, possibilitou no passado, o povoamento das cidades sertanejas do Seridó, unindo-se a vários afluentes como o Açu, o Seridó, o Piranhas e seus inúmeros braços pelos sertões adentram, resgatando uma história da ocupação do espaço norte-Rio-Grandense, no tocante ao percurso das chamadas aguadas nos séculos XVII até as primeiras décadas do XIX

Os rios sempre foram a principal fonte natural para a subsistência dos povos, desde os tempos mais antigos e nos locais mais remotos, possibilitando a fixação dos homens, através de práticas como a pesca, o cultivo de algumas plantações, da caça e por fim, para lhes saciar a sede.

No tocante à caça, as aguadas foram utilizadas como ponto estratégico par o descanso,

para assim reiniciar novas empreitadas na perseguição de animais silvestres para alimentação dos indivíduos.

Na região do Seridó, não foi diferente, os rios e riachos foram de vital importância, devido a intempéries sofridas por homens e animais, causados pelo clima semi-árido, característico da área, provocando secas devastadoras de tempos em tempos, altas temperaturas durante quase todo ano, mas que, graças a esses afluentes, tornou-se possível habitar o Seridó.

Durante os séculos XVI até início do século XVII, a colonização da América Portuguesa, se dera próximo ao litoral. Implementou-se primeiramente, a extração do Pau Brasil, árvore típica da costa, dela extraindo-se, uma espécie de tinta avermelhada, muito utilizada na Europa para tingimento dos tecidos. Fez-se também, o cultivo da cana-de-açúcar. Estas duas atividades econômicas serviam de forma semelhante, para a exportação à metrópole portuguesa, porém, a grande exploração do pau-brasil tornou esta prática antieconômica, pois este tipo de árvore leva um grande tempo hábil para desenvolver-se, e assim, foi sendo substituída pelo cultivo da cana, passando a ser a principal fonte de lucro para o colonialismo português, gerando novas necessidades para a expansão e conseqüentemente, o aumento das exportações deste produto.

Para tal empreitada, utilizou-se o gado como força motriz dos engenhos, foram trazidos desde o povoamento inicial “[...] já aclimatado aos trópicos, depois de estágios nas ilhas Canárias, Madeira e Cabo Verde”<sup>1</sup>, mais em razão das novas circunstâncias, fora atrelado mais intensamente a produção canavieira em larga escala.

A criação de gado crescia concomitantemente à expansão da cultura da cana, obtendo-se maiores lucros para o erário real, porém, suscitou novos problemas a serem resolvidos, pois o gado vacum e seus criatórios, estavam deslocando-se na direção das plantações canavieiras,

---

<sup>1</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Velhos Inventários do Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1983. p. 16

acarretando para a Coroa Portuguesa e seus sesmeiros, grandes prejuízos, “daí a necessidade de uma carta régia que proibia a criação a menos de 10 léguas da costa”<sup>2</sup>.

Nesta conjuntura, irá ser empreendida a expansão portuguesa aos sertões seridoenses, “[...] não sobrando espaço para outras indústrias”<sup>3</sup> no litoral, pois nesta época não existiam cercas para deter a locomoção do gado, e para alimentá-los, iam-se buscando paragens cada vez mais distantes das áreas das fazendas devido a valorização nos preços das terras próximas aos portos. Para Portugal, a pecuária extensiva reforçava o erário e atraía novos empreendedores de menor poder aquisitivo para investir nos sertões da América Portuguesa. Todos esses fatores juntavam-se as condições do clima e do relevo do sertão, com sua vegetação rala, dispensava qualquer tipo de preparo da terra, como derrubar a vegetação, plantar capim para o gado, no Seridó o terreno já estava apto para ser utilizado, bastava levantar a fazenda.

Tal facilidade atraiu muitos colonos de outras capitanias, gerando uma proliferação de novas fazendas de criar gado, havendo a necessidade de demarcá-lhes a extensão, sendo o tamanho padrão prevalecido:

“[...] o de três léguas de comprimento, ao longo do leito de um rio, por uma de largura, ficando meia légua para cada margem, o que corresponderia hoje a 108 quilômetros quadrados! Entre as sesmarias deveria existir uma légua de terras devolutas, ou seja, não concedidas, pertencentes à Coroa portuguesa, servindo de divisa entre as fazendas.”<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> SIMONSEN, Roberto Cochrane. *História Econômica do Brasil: 1500 / 1820*. 8. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1978. p.151.

<sup>3</sup> PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 4.ed. São Paulo: Ed. Brasiliense 1953, p. 182.

<sup>4</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução a História do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2000. p. 78.

A pecuária inicia sua atividade atrelada à subsistência do setor açucareiro, abastecendo-o de animais de tiro para os engenhos e de carne para o consumo interno. Todavia, entre os séculos XVII e XVIII, a intensificação da atividade criatório coincidiu com a decadência cada vez maior da economia açucareira, ao passo da sua rentabilidade diminuir gradativamente, devido aos preços desfavoráveis causados pela concorrência das outras potências colônias, empreendida pela ascensão na produção do açúcar nas Antilhas. Agravando ainda mais a situação, em 1680 ocorrera uma grande inflação nos preços para a compra de escravos no continente africano. Uniu-se a este contexto a busca incessante pela extração de minérios nas minas que beneficiou a proliferação das fazendas de gado nos sertões nordestinos.

Muiraquytan Kennedy na sua tese de mestrado intitulada *A Penúltima Versão do Seridó*, nos relata a primeira notícia documentada sobre a penetração do colonizador no Seridó em 1670, um registro de um requerimento para a doação de sesmaria ao Capitão Francisco de Abreu de Lima, uma grande área medindo cinquenta léguas de extensão por doze de largura, localizada na ribeira do Espinharas. Todavia, o sesmeiro não obteve a demarcação imediata destas terras, nem mesmo a ratificação de seu pedido pela Coroa Portuguesa, a confirmação “[...] régia só iria ocorrer em 1676, a data do Acauã, onde hoje encontra-se o município de Acari”.<sup>5</sup>

Neste momento já há uma forte resistência por parte dos indígenas, fatos este propiciado pela tomada de suas terras pelos colonos, lutando pra recuperar o que lhes foi tomado à força. A solução tomada por parte dos portugueses para assegurar essa usurpação foi instalar uma fortificação na casa forte do Cuó, uma base militar nos sertões do Seridó comandada em 1687 pelo Coronel Antônio de Albuquerque da Câmara possuidor de uma sesmaria na área.

---

<sup>5</sup> KENNEDY, Muiraquytan . *A penúltima versão do Seridó*. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-UFRN, Natal, p.22.

Um ano mais tarde, tornou-se evidente a necessidade de mais reforços, os indígenas acostumados aos terrenos e utilizando estratégias de guerra desconhecidas para o colono branco, resultou em inúmeras baixas, forçando em 1688 a Matias da Cunha governador Geral do Brasil, enviar mais reforços, contratando os serviços militares do Terço dos Paulistas comandados por Domingos Jorge Velho, este último encontrava-se em Palmares combatendo os quilombolas, fora chamado com urgência ao Rio Grande.

Os indígenas continuaram combatendo os colonos, pois queriam suas terras de volta, estavam lutando por elas. Para Portugal e seus colonos, os indígenas representavam um elemento prejudicial ao comércio de gado da América Portuguesa bem como comprometia a expansão da colônia.

Seguiram-se inúmeros combates no Seridó, na ribeira do Acauã, onde acontecera as últimas batalhas, os colonos tinham no comando um cabo pertencente ao Terço de Domingos Jorge Velho, e assim “derrotou o gentio [...] e trouxeram mil e tantos prisioneiros”<sup>6</sup>, diminuindo drasticamente os ataques dos gentis, permitindo para Portugal a posse da terra do Seridó.

Para os indígenas a perda paulatina de suas terras, representou a impossibilidade de manterem-se vivos, a aguadas não mais lhes pertenciam, não podiam beber a água, pescar, fazer pequenas plantações. Os sobreviventes foram escravizados, uma minoria conseguiu foragir para as áreas serranas, perecendo às difíceis condições, restando-lhes viver de ataques surpresas as suas antigas riberas, abatendo algum gado vacum para lhes sacear a fome.

O povoamento do Seridó iniciou-se principalmente de Olinda, Igarauçu e Goiana, partindo do leste para o oeste pelo Boqueirão de Parelhas e do sul para o norte a partir da Borborema. Assim surgiram as delimitações de terras, onde o colonizador em sua maioria, ex-combatentes durante as lutas com os tapuias (1683 – 1697), procurava um local onde existisse um poço d’água

---

<sup>6</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo. *Índios do Açu e Seridó*. Brasília: Ed. do Senado, 1984. p. 122

ou uma lagoa, colocavam seu gado, transformando esta área a possuir a denominação de sítio e com esta finalidade econômica tornava-se uma fazenda, com uma casa coberta na maioria das vezes de palha e uns currais.

Referências a tal prática encontramos em Olavo de Medeiros Filho, na data de número 372 de 6 de março de 1749, informando o requerente, ser “senhor e possuidor de uns sítios de terras no sertão das Piranhas, com fazendas situadas [...]”<sup>7</sup>

Os colonos usavam da seguinte tática: chegavam com seu gado, escravos e agregados, ocupando as ribeiras mais férteis, construíam currais de pau-a-pique soltando o gado para a pastagem, expulsavam os índios em direção as áreas mais secas das caatingas e para as serras, utilizavam o método da morte lenta e silenciosa, livrando-se deles, afastando-os das fontes d’água do Seridó.

As disputas pelas aguadas eram intensas, ainda mais em épocas de secas nos sertões. Em 1723, os representantes da Câmara de Natal estavam insatisfeitos pelo fato de alguns donatários não permitirem a prática da pesca por índios aldeados, nem tão pouco os moradores brancos. Os sesmeiros estavam cobrando rendas para a permissão da pesca nas ribeiras dos rios.

Nesta empreitada aos sertões, os colonos enfrentaram a disputa pela terra com os holandeses, muitos interessados no abastecimento do gado e farinha do Rio Grande, haja vista, ser de vital importância para o abastecimento das capitânicas de Pernambuco e da Paraíba. Graças à presença das chamadas aguadas no Seridó, tornou-se possível à implementação destas duas fontes econômicas na área: o gado e a farinha de mandioca, grandes fontes de alimentação para os colonos e indígenas. Entre os meses de julho a novembro de 1686, o Capitão-Mor do Pernambuco enviou uma carta a Portugal, informando da presença de um navio holandês de

---

<sup>7</sup> Id. *Velhos inventários do Seridó*, p. 10.

grande porte, com muitos homens saqueando os barcos e “[...] lançavam gente em terra a fazer casas e aguadas”.<sup>8</sup>

Com a expulsão dos holandeses e o fim dos grandes conflitos indígenas, o povoamento do Seridó intensificou-se a partir de 1748, ano da criação da Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó, até então ligado a Paraíba chamado a época de Freguesia do Piancó, formado pelo sistema hidrográfico dos rios Seridó e Espinharas. Em linhas gerais:

“[...] os limites naturais daquela freguesia eram ao norte, as serras que separam o Seridó da Freguesia do Açú, destacando-se a serra de Santana, ao sul, os contrafortes da Borborema (paredões de serra), de cujas fraldas[...] que compunham as ribeiras das Espinharas, Sabugi, Quipauá, e do próprio Seridó; ao leste, as serras, também integrantes do sistema da Borborema, de onde provinham os afluentes do Seridó; ao oeste, o rio Piranhas, desde a altura de Jucurutu até a barra dos Espinharas; e daí, seguindo-se, as serras que servem de divisores das águas que correm para o Espinharas”.<sup>9</sup>

Estas terras serviam para o criatório do gado, bem como para a plantação de culturas que serviam de alimentação aos colonos, como a mandioca, fazendo a partir dela a farinha servindo de base alimentar para o sertanejo, tomando a região economicamente valorizada e Portugal cada vez mais confiante de seus domínios coloniais na América Portuguesa, intensifica as doações de terras a sesmeiros de outras capitanias como a da Bahia e de Pernambuco, causando a indignação dos colonos do Rio Grande, indignação tal que estes procuram legitimar sua insatisfação por intermédio da Câmara de Natal, esta era a representação da lei portuguesa na colônia. Elaboraram uma carta manifestando o seguinte: “Alguns moradores esta capitania estão sem nenhuma

---

<sup>8</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. História do Rio Grande do norte. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. 1955. p. 115.

<sup>9</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo. Velhos Inventários do Seridó. P.9.

(terra)<sup>10</sup>, apesar de servirem a coroa, enfrentando dificuldades nos sertões e os ataques indígenas, reivindicavam um melhor tratamento por parte do rei para com eles.

As insatisfações dos colonos do Rio Grandes eram legítimas, a vida era árdua, moravam em caminhos secos e quentes, enquanto colonos de outras capitanias conseguiam as terras mais férteis servidas de água sempre manante, algo de grande valor e importância, porque não existiam cacimbas, somente alguns poços d'águas naturais e mais dificilmente os rios, daí, portanto a sua vital importância.

Quando o ano era de seca, muitos indivíduos saíam das localidades onde residiam, a procura de locais com aguadas para sobreviver, como foi o caso de um proprietário e sua família na região do Açu no início do século XIX, vistos pelo viajante inglês Henry Koster, percorria naquele momento os caminhos de Pernambuco ao Ceará passando pelo Rio Grande do Norte. Koster se surpreendeu por constatar que as secas atingiam a várias classes sócias de então, sejam ricas ou pobres. Em outra ocasião, Koster encontra nesses caminhos secos um major, fugitivo também desta intempérie, que ao chegar a um poço d'água, sacia sua sede e olhando ao redor mais atentamente, avista um gado, o surpreende a marca e o sinal dos seus ferros no animal, e atônito exclama "Como pode este animal [...] fugir para tão longe do seu curral? A falta d'água o fizera caminhar mais de cem léguas"<sup>11</sup>, ou seja, 600 quilômetros.

A importância dos rios era também representada pela prática de marcar os bois com os ferros, com a letra da ribeira no lado esquerdo do animal, era uma marca representativa da posse. Outro fator de importância simbólica dos rios para a sociedade da época, refere-se à denominação ribeira, indo muito além da nomenclatura específica de um rio, era mais, denominava "Províncias do norte, Distrito rural que compreende um certo número de fazendas de criar gado. Cada ribeira

---

<sup>10</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução a História do Rio Grande do Norte*, p. 77.

<sup>11</sup> KOSTER, Henry. *Viagem ao Nordeste do Brasil*. 2.ed. Recife: editora....., 1988.p. 101.

se distingue das outras pelo nome do que a banha; e tem, além, um ferro comum a todas as fazendas do distrito, afora aquele que pertence a cada proprietário”<sup>12</sup>.

Tal toponímia estava tão intrínseca nas mentalidades da época, levando-se a servir dela, para designar vários nomes de territórios nos sertões do Seridó, como Sertão do Acauã, Açu, Seridó, Espinharas entre outros. Serviu também para nomear vários povoados, Currais Novos, Curral Velho, Curral dos Padres, Curralinho, este último ligado ao tipo de economia do criatório do gado realizada vitalmente pela presença das aguadas das ribeiras citadas acima, em as quais não seria possível nenhum tipo de sobrevivência, nem tão poço de qualquer atividade.

A escassez de chuvas gerou algumas histórias aparentemente esdrúxulas, como o caso da posse do primeiro presidente da Província do Rio Grande do Norte Tomás de Araújo Pereira, então fazendeiro da ribeira do Acauã, exímio conhecedor dos sinais da natureza do Seridó. Fora nomeado para assumir o cargo, com o objetivo de combater os insurgentes pernambucanos insatisfeitos pelas arbitrariedades do imperador D. Pedro I, fato que deu origem ao surgimento de divergentes idéias liberais questionando o poder absoluto.

Todavia, Tomás de Araújo Pereira, adiou o máximo sua ida à cavalo para a Natal onde deveria tomar posse no dia 25 de novembro de 1823, numa viagem de 60 léguas, ou seja, 360 km. Justificou a delonga dizendo “ só viajava para a capital em cavalos gordos com a pastagem do tardonho futuro inverno”.<sup>13</sup>

Ao leitor mais desavisado, seria um ato senil, de preguiça ou até de uma concordância por parte do Presidente com os liberais como defendeu Tavares de Lira, segundo ele Araújo recebera com muito apreço Frei Caneca um dos líderes da Confederação do Equador na sua fuga de Pernambuco, foragindo-se no Rio Grande do Norte, fato ainda não comprovado por outros documentos históricos.

---

<sup>12</sup> KENNEDY, Muiraquytan . A penúltima versão do Seridó, p. 26.

<sup>13</sup> LIRA, A. T. de. Apud Ibid., p.37.

No tocante a sua vigem tardia, demonstra uma percepção real das dificuldades para se empenhar em travessia longa pelas caatingas até o litoral, defendemos a opinião de sua atitude representa um grande respeito pela natureza e pelas dificuldades impostas a ela a quem a desobedece, segundo Domingos Jorge Velho, este era “[...] o mais áspero caminho, agreste, e faminto sertão do mundo [...] um caminho tão agreste, seco, e estéril, que só quem andou poderá entender o que ele é”<sup>14</sup>, Tomás de Araújo Pereira sabia deste fato, pois vivia nesse cotidiano dos sertões.

---

<sup>14</sup> Apud MEDEIROS FILHO, Olavo. Índios do Açu e Seridó, p. 15.

## **CAPÍTULO II**

### **IMPLEMENTAÇÃO DAS FAZENDAS**

[...] o espaço geográfico é social, é produto da ação do homem visando alcançar determinados objetivos e que a sua capacidade para transformar a natureza é muito grande, dependendo apenas das disponibilidades técnicas e econômicas do que se dispõe e da vontade dos grupos dirigentes (ANDRADE, Manuel Correia de Andrade. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*, p. 11).

A ação colonizadora no Seridó iniciou-se como vimos, com a doação de terra (1675) chamada de data do Acauã. No entanto, convém levantarmos a questão: quais os motivos que levaram a Coroa Portuguesa a colonizar a região? Inicialmente, as idéias de Manuel Correia de Andrade nos dá a luz necessária para compreendê-la, pois esse espaço geográfico, aparentemente não denotando nenhum tipo de atividade econômica, vislumbrando para Portugal a oportunidade de se fazer ali um povoamento através da criação de gado próximos aos rios, no intuito de estabelecer novos povoados pela facilidade de se levantar fazendas, bem como do pequeno investimento para fazê-lo.

Todavia, este sucesso inicial não foi uma empreitada linear, pelo contrário, houve momentos de crescimento e decréscimo, chegando há alguns instantes a pôr em perigo as terras da coroa portuguesa como foi o caso da invasão dos holandeses, sublevaram toda a capitania do Rio Grande por vinte anos (1633 – 1654). Os flamengos foram expulsos da capitania no dia 26 de janeiro de 1654, em um combate no Forte dos Reis Magos, chamado à época de Castelo Keulen pelos batavos, no entanto, o combate não ocorreu, porque estes foram “Avisados por Claez, ex-comandante da Fortaleza das cinco pontas, os flamengos fugiram do castelo Keulen, deixando-o em total abandono”<sup>15</sup> sendo expulsos de toda a capitania do Rio Grande.

A aparente tranquilidade durou cerca de trinta anos, época dos confrontos maiores entre os colonos e os indígenas, insatisfeitos pela tomada da posse de suas terras, causando para Portugal um grande empecilho na conquista dos sertões seridoenses, causando uma menor produção para o

---

<sup>15</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo. *Aconteceu na Capitania do Rio Grande*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997. p. 27.

abastecimento de gado para a economia canavieira do litoral, pois o gado era a força motriz dos engenhos e alimentação para os colonos.

Com o extermínio dos indígenas e o fim das preocupações das invasões holandesas, o povoamento do interior intensificou-se, a partir da Segunda metade do século XVIII, havendo doações de terras a vários sesmeiros, porém, eles não vieram morar nestas terras, pelo fato de possuírem também, terras no litoral, geralmente eram senhores de engenho e moravam com suas famílias no litoral.

Tal escolha é justificada pela baixa rentabilidade da atividade do criatório de gado se comparado ao engenho, representa em média 5 % do valor, fazendo o proprietário da capitania do Rio Grande do Norte. Para tomar de conta destas terras, os fazendeiros deslocaram colonos, responsáveis pelo criatório e proteção de sua propriedade. Por essa atividade denominou-se a nomenclatura de vaqueiro, cabendo a ele criar o gado, dando-os o que comer e beber, para tanto “busca incessantemente água para a sua própria sobrevivência e de seus rebanhos, colocados sob sua responsabilidade.

A necessidade de água fez com que os vaqueiros desenvolvessem estratégias de sobrevivência do espaço por eles ocupados, dentre estas estratégias ou formas de melhor lidar com a escassez deste líquido nos sertões, esta a prática de construção de cacimbas, cavadas

“[...] profundamente no solo, toda cercada em torno para que, das ribeiras os animais não tombem; a entrada é cavada em ladeira de suave declividade, para que o gado já fraco, ao ir beber, não escorregue e caia de quando em quando, ferindo-se e cansando-se. A água é sempre feia, sempre suja e sempre má”<sup>16</sup>

Estas informações nos dão uma idéia de como era árdua a adequação do homem ao meio dos sertões seridoenses, a natureza era áspera mesmo desenvolvendo a prática de construção das cacimbas, isto devido à má qualidade da água, não propicia para o consumo humano, porém, se equiparando ao cotidiano da vida dos vaqueiros nos sertões, as cacimbas transformaram-se em

---

<sup>16</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo. *Velhos inventários do Seridó*, p. 31.

aliadas para a vida nestas difíceis paragens, assunto tratado com maior ênfase no capítulo três desta obra.

Quanto aos cuidados para evitar a caída dos animais nas cacimbas, poderia ocasionar a impossibilidade de utilização da mesma, devido o fato de ser difícil à retirada do animal, bem como o fato do animal vir a morrer, poderia entrar em decomposição, inviabilizando qualquer consumo desta água, sendo necessário procurar outro local para construir outro poço mais distante comprometendo o criatório.

O trabalho do vaqueiro não era pago com dinheiro em espécie, para tanto a partir da segunda metade do século XVIII criou-se o método de pagamento por intermédio no direito de um quarto do boi criado, ou seja, a cada quatro animais um seria dado a ele. Esta prática tornou-se conhecida como a “sorte”. Com o tempo, o vaqueiro passava a possuir algumas peças de gado, elevando sua categoria social, onde muitos colonos sonhavam em um dia tomarem-se vaqueiros, aonde alguns chegavam a possuir sua própria fazenda.

Este sistema de pagamento arregimentou muitos colonos para o Seridó, posteriormente os fazendeiros tiveram que modificar essa regra, pois alguns vaqueiros não vendiam seu gado, concorrendo com o fazendeiro no número de peças. Para tanto, os fazendeiros compravam a parte pertencente aos vaqueiros, a sorte, assim os impedia de ascender socialmente, os mantendo sob o seu poder e comando.

Praticavam este método como meio de defesa e sobrevivência de seu criatório, pois Ter o vaqueiro trabalhando em suas terras representava a garantia de bons serviços e crescimento de seu investimento na fazenda. O vaqueiro estava acostumado às intempéries do Seridó, era profundo conhecedor, sabia trabalhar com o gado nas mais difíceis condições, algo muito difícil para o fazendeiro tocar a fazenda sozinho sem a ajuda de seu vaqueiro.

O ato praticado pelos fazendeiros nos é compreensivo, pois “[...] apenas os mais ricos habitantes da colônia tinham capital suficiente para arcar com os custos da montagem das primeiras fazendas criatórios”<sup>17</sup> onde os fazendeiros eram os senhores de engenho do Pernambuco, Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Adaptando-se a natureza do Seridó, os criatórios de gado começaram a expandir-se. Para tanto a metrópole portuguesa tomou algumas medidas, como determinar o tamanho médio das doações de sesmarias para as fazendas, no intuito de se fazer no Seridó mais fazendas para gerar um maior excedente de gado vacum para suprir a economia de cana de açúcar do litoral, assegurando para Portugal o domínio dos sertões. A partir destas medidas limítrofes, expandindo as fronteiras do império colonial português na América Portuguesa.

A partir da Segunda metade do século XVIII, ocorreu uma grande mudança na economia, pelo fato de haver uma decadência na produção canavieira pela concorrência do açúcar das Antilhas e pelo encarecimento nos preços dos escravos, estes representavam os braços desta atividade. Com isto, o criatório de gado intensificou-se pelo intermédio do surgimento de uma nova economia atrelada a esta, a produção de couro e atanados para a exportação da metrópole portuguesa.

O novo vislumbamento econômico trouxe ao Seridó, os proprietários das fazendas, que agora vieram morar no sertão. As primeiras fazendas instaladas “[...] somente apareceram após o ano de 1720.”<sup>18</sup> O couro integrou-se a economia colonial, ocupando importante papel na exportação para Portugal, para se ter uma dimensão deste comércio “Só em atanados, a quantidade era de 10 mil unidades anuais, sendo consideradas insuficientes para o consumo metropolitano”.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução a História do Rio Grande do Norte*, p. 80.

<sup>18</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Velhos inventários do Seridó*, p. 3.

<sup>19</sup> RIBEIRO JUNIOR, José. *Colonização e monopólio no Nordeste brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 1976.p.146.

Tal montante levou a metrópole implementar a Companhia de Pernambuco e Paraíba, no intuito de garantir um exclusivismo comercial destes produtos, que obrigatoriamente deveriam ser centralizados pela capitania do Pernambuco. Esta centralização foi estratégica, haja vista ser necessária a localização da companhia próxima ao litoral, facilitando o transporte das mercadorias aos portos de Olinda e Recife, os mais movimentados da América Portuguesa, possuidor de estrutura para um eventual aumento no escoamento da produção dos couros. Os couros embalados logo seguiam viagem a Portugal, elevando-se a exportação e alçando esta atividade a ocupar o segundo lugar nas exportações.

Todo o processo da indústria do couro iniciava-se com a extração do mesmo do gado, em seguida os mercadores particulares faziam a ligação entre os criadores de um lado e dos centros de abastecimento do outro. Forneciam manufaturas e produtos alimentícios, como o trigo, vinho, azeite, bacalhau para as fazendas e traziam para o litoral os couros em cabelo ou solas brancas.

Para o transporte interno no Seridó utilizavam-se os rios, com pequenos barcos num intenso comércio. Em 1774, a junta administrativa atendia a solicitação de livre trânsito dos mercadores João da Silva Cruz e seu sócio Simão dos Santos Maia, ambos faziam o comércio com os sertões do Aracati. Em 1757, o rei de Portugal estabeleceu o preço dos fretes para os couros e atanados provenientes da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, tomando para suas mãos o controle sobre as transações econômicas do deste lucrativo comércio, o que representa a sua importância estratégica para o enriquecimento de Portugal, garantindo a manutenção de sua colônia e de sus altos lucros comerciais.

Um ano após esta medida, os atanados e as solas estavam isentos de impostos. Medida tomada com o objetivo de concorrer em melhores condições de igualdade com o mercado externo, sendo a Espanha seu maior rival comercial neste momento.

O transporte do gado e suas economias acessórias faziam-se também por terra, como uma forma de integrar as cidades, pelo fato de “os caminhos do gado eram muitos longos, ocupavam grande parte dos moradores do sertão e devido ao emagrecimento nas viagens, costumavam trazer os animais oriundos do Piauí, do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Pernambuco”,<sup>20</sup> fato que para Câmara Cascudo prejudicava o comércio de gado do Rio Grande do Norte, porque estava subjugado ao Pernambuco, significando para o estado um grande atraso em seu desenvolvimento por todo o século XVIII, sendo responsável pela extração da produção das riquezas produzidas pelo Rio Grande do Norte.

O responsável pelo gado nos caminhos era o passador, nome dado ao vaqueiro especializado na prática de transportar o gado do sertão ao litoral. Eles passavam o gado, algo que o vaqueiro da fazenda não poderia fazer, pois devia cuidar do gado nos sertões, se ele fizesse esta travessia iria comprometer a base desta economia.

O passador para este trabalho recebia um soldo, isto é, um pagamento por “[...] seu trabalho um cruzado por cabeça da dita boiada”,<sup>21</sup> durante o tempo de até dezessete dias. A priori, era uma boa remuneração, mais há de considerar o fato de todas as despesas para o serviço com os tangedores de gado e guias era pago pelo passador.

Quem realmente ganhava um alto montante pelo serviço era o negociados, geralmente dobrava o preço ao qual comprou o gado, obtendo um lucro de mais de 100 por cento se comparado como o passador.

Os caprinos tiveram também grande importância na vida econômica do Seridó, sua carne era muito apreciada e consumida nas fazendas, bem como o leite, servindo de “[...] alimento

---

<sup>20</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986. p. 15.

<sup>21</sup> ANTONIL (Pe) apud PUNTONI, Pedro. *A Guerra dos Bárbaros*. Local. Editora. Data. p. 37

infantil e de pessoas enfermas e no fabrico de queijos de coalho [...]”<sup>22</sup> Eles começaram a ser valorizada no Seridó nos momentos aos quais os sertanejos identificaram nestes animais, uma capacidade enorme de sobrevivência, não necessitando de quase nenhum cuidado, alimentando-se da vegetação rasteira do próprio sertão.

A sua resistência logo chamou a atenção dos sertanejos, os caprinos passaram então a povoar as fazendas em um número cada vez maior, muitas vezes chegando a representar cinquenta por cento da população bovina. Tal resistência reforçou-se nas histórias verídicas contadas por muitos colonos e fazendeiros que deixaram suas terras por causas das grandes secas, e quando retornavam, encontravam para a sua surpresa os animais ainda vivos e sadios.

Alguns fazendeiros pensavam haver perdido suas terras, seus vaqueiros, escravos e caprinos, deixavam estes pensando em nunca mais encontrá-los e saí em busca de locais com o clima mais ameno e menos castigado do que os sertões para sobreviver, mais seus empregados e seus caprinos continuavam vivos para a sua surpresa e alegria.

Outro fato interessante diz respeito ao fato de mesmo os colonos comerem algumas cabeças de caprinos, o número de peças destes animais não diminuía pelo fato de serem prodigiosos na proliferação, sendo animais muito férteis.

Os fazendeiros utilizavam nas fazendas a mão de obra escrava, porém o número era pequeno, em primeiro lugar devido ao alto preço e em segundo lugar a pequena necessidade para se utilizar tantos braços na economia do criatório. Os escravos eram mais utilizados no litoral, na economia canavieira, pois neste tipo de atividade necessitava de um maior número de indivíduos para gerar o engenho, “os fazendeiros dedicados exclusivamente à criação, possuíam uma menor

---

<sup>22</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Velhos inventários do Seridó*, p. 22.

quantidade de escravos. Os que, além da pecuária, também exploravam atividade agrícolas, possuía-nos em maior escala, em uma média de dezoito escravos em suas terras”.<sup>23</sup>

No tocante as atividades agrícolas, a principal atividade era a plantação da mandioca, pelo fato de ser muito utilizada nos sertões, servindo de base alimentícia para os sertanejos. Para se Ter uma noção de sua importância, a sua plantação era cercada da mesma maneira como se fazia nas cacimbas, como já vimos anteriormente, protegendo-a por uma cerca, evitando-se a invasão e a destruição da plantação pelo gado.

O transporte de mercadorias era feito de duas maneiras, a primeira se a carga fosse pequena eram utilizados os bois de cargas, no segundo caso com cargas maiores e correspondentemente mais pesadas “[...] usava-se o carretão, um carro de boi de rodas reforçadas [...]”,<sup>24</sup> para segurar o peso e transportar com mais segurança e rapidez.

Os vaqueiros usavam táticas específicas de sobrevivência para eles e para o gado nas épocas de grandes secas no Seridó, “[...] cuidavam em tratá-los (gado) à rama do bom xiquexique, o qual tendo servido para o sustento do povo na seca de 92, nesta também servia para o gado vacum e ovelhum [...]”.<sup>25</sup> Cozinham os couros crus do gado e os comiam para espantar a fome e sobreviver às duras secas.

Tal prática pode parecer absurda ao leitor menos crítico, interpretando-na como uma alternativa feita pela falta de escolhas, a decisão tomada diz respeito a uma condição de sobrevivência humana que esta sendo testada ao extremo pela dura vida nos sertões, chegando a dizimar quase a totalidade do gado do Ceará e do Rio Grande do Norte. Era uma luta de vida ou de morte e não um capricho um hábito alimentar peculiar do sertanejo.

---

<sup>23</sup> Ibid., p. 31

<sup>24</sup> Ibid., p. 42.

<sup>25</sup> Ibid., p. 17.

Foi neste intuito de grande teste para assegurar a sua vida, o sertanejo começou a construir açudes para a obtenção e estoque de água nas épocas mais secas, então no ano de 1842 construiu-se em Caicó o primeiro açude da região do Seridó, de propriedade de Inácio Agostinho Rosário, atualmente chamado de açude do Recreio, que facilitou a vida nos sertões.

A construção dos açudes ajudou no dia a dia das fazendas, porque foi a partir deles que houve grande melhoria nos nascimentos de bezerros, agora representando geralmente o que “[...] equivale à metade das vacas parideiras existentes [...]”,<sup>27</sup> crescendo assim o rebanho no Seridó.

Para controlar esse grande número de rebanho foi preciso contar com o auxílio de cavalos, com ele era possível uma maior agilidade no trabalho com o gado. Outro fator importante foi a sua resistência para esse tipo de serviço, o cavalo do Seridó adaptou-se ao pedregal e aos espinhos da caatinga, por isso é que era e é o grande companheiro do vaqueiro.

O bom trabalho do vaqueiro era atribuído também ao seu cavalo, criando-se uma referência nominal do vaqueiro e seu cavalo, os sertanejos conheciam um pelo nome do outro, como se o cavalo houvesse se tornado a continuação de seu dono, era o vaqueiro e seu alazão.

A preocupação com o gado era vital, por isso o emprego do cavalo neste serviço, agilizava-se a expansão e um maior controle dos rebanhos e suas potencialidades era observadas mais de perto e com maior precisão.

O criatório cresce paulatinamente, auferindo maiores lucros para os fazendeiros que não mediam esforços para construir novos pastos, conseguindo autorização para a aquisição de “[...] terras de verdadeira mata [...] foram (doadas) em sesmarias para a criação”,<sup>28</sup> transformando o criatório de gado no grande desbravador dos sertões, sendo a mola mestra para Portugal assegurar

---

<sup>27</sup> <sup>22</sup> MEDEIROSA FILHO, Olavo de. *Velhos inventários do Seridó*, p. 19.

<sup>28</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*, p. 155.

a posse da terra na colônia, sendo um meio eficaz de controle, haja visto o fato, deste tipo de economia empregar um pequeno número de indivíduos.

Geralmente, era utilizado proporcionalmente, um vaqueiro para cada duzentas e cinquenta cabeças de gado, fato que ajudou o povoamento do Seridó comandado pelos portugueses.

È interessante notar como o vaqueiro conseguia cuidar de tantas cabeças de gado ao mesmo tempo. Ele soube enfrentar as grandes distâncias e a dificuldade de comunicação entre as fazendas dos sertões com o litoral, desenvolveram-se uns modos peculiares, integrando-se as duras realidades e extraíndo dela o máximo possível de seu conhecimento, para poder viver e atender as necessidades da empreitada do criatório.

Outro fato de grande atrativo ao Seridó foi o surgimento de outras atividades que se interligam as atividades do criatório, sejam eles direta ou indiretamente, como foi o caso do algodão. Logo o sertanejo descobriu que sua semente servia de alimento para o gado nas estações secas, época na qual o gado sofria bastante, e ao ingeri-lo, o animal atravessava este tempo difícil de escassez de pastos e sobrevivia até a chegada de algumas chuva e o inverno mais intenso.

Com o tempo, foi-se adquirindo novos conhecimentos, outros tipos de alimentos. Os vaqueiros passaram a utilizar o milho, o feijão e a fava, todos cultivados juntamente com o algodão, misturando-os resultando num consistente alimento para os animais. Todos esses aprendizados devem-se a figura dos sertanejos e vaqueiros, os grandes investigadores dos sertões, souberam valorizar os recados da natureza, aprenderam com ela as maneiras de contornar as intempéries, souberam trabalhar nas fazendas de gado com o pouco que a natureza lhes deu, quando a condição era adversa soube criar mecanismos de defesa como o chapéu de couro para proteger do sol, o gibão nas carreias a cavalo a busca do gado foragido, soube nos duros sertões do Seridó fazer desenvolver-se uma civilização, a civilização do gado e do couro, que marcou profundamente o espaço do Rio Grande do Norte.

Foi a partir do criatório do gado que fez grande parte do que chamados hoje Seridó, uma história tantas vezes esquecida e minorada, mas que foi de vital importância para a América Portuguesa, transformando-se em uma grande exportadora do gado e seus derivados, marcando profundamente a história do Estado do Rio Grande do Norte e do litoral nordestino

### **CAPÍTULO III**

#### **O COTIDIANO NAS FAZENDAS DO SERIDÓ SEC. XVIII E XIX**

↓ epígrafe

A existência de uma “vida cotidiana” constitui um mecanismo magistral de dicotomização da realidade social. De um lado, temos uma esfera onde se produzem bens e uma atividade produtiva, um lugar de acumulação e, por isso mesmo, de transformação. Aí localizado, encontramos o campo onde se articula o futuro de uma formação social, onde se encontra tudo o que faz a História. Do outro lado, temos uma esfera de “reprodução, ou seja de repetição do existente, um espaço de práticas que regeneram formas, sem, contudo, modificá-las nem individualizá-las. Um lugar de conservação, de permanência e de situar: um lugar “privado” da História (CARDOSO, *Ciro Flamarion*; VAINFAS, *Ronaldo*. *Domínios da História*, p. 262).

As práticas humanas cotidianas, tornaram-se um grande foco de pesquisa a partir das Escolas dos Anais, corrente historiográfica iniciada em fins da segunda metade do século XX, que procura elucidar as relações sociais no dia-a-dia de cada sociedade, buscando nos documentos históricos, informações antes esquecidas, por não serem referentes às histórias dos “grandes homens”, mais sim a homens simples. Essa corrente de pesquisa, fez ressurgir com grande intensidade esta história do cotidiano que estava escondida, por debaixo da história oficial e oficiosa, a história dos excluídos do poder.

Esses dois mundos existiam, entrelaçavam-se e originaram núcleos populacionais que mais tarde tomar-se-iam cidade de grande importância econômica e política para o Estado do Rio Grande do Norte, bem como iriam fundamentar diversas práticas culturais locais.

Todavia, temos em mente as delimitações que o tempo nos impõe para o estudo histórico dos eventos passados, para tanto, utilizamos as idéias de Paul Veyne, em seu livro intitulado *Como se Escreve a História*, onde afirma que “a história é uma narrativa de eventos; todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos “[...] o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador não é o dos atores, é uma narração [...]”.<sup>29</sup> A primeira vista, esta descrição pode aparentar uma não utilização da ciência da história, mas esta prerrogativa nos elucidada e aumenta em nós historiadores uma maior visão imposta pelo tempo, cabe-nos então, analisá-lo de acordo com as fontes disponíveis

<sup>29</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. LOCAL: EDITORA, DATA. p. 18.

como os documentos, as indumentárias, a cultura material, e não nos utilizarmos de invenções, de informações sem base documentais, como defende Paul Veyne: *sem documentos, sem história*, em história não existe a palavra “se”, pois não podemos conjecturar sobre algo que não ocorreu.

O fato de não podermos reviver o passado, não reduz a importância do trabalho do historiador no estudo desse passado, mesmo não sendo possível

“[...] reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere de todos ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele [...]”.<sup>30</sup>

Os homens criaram toda uma divisão de trabalho, como nos momentos após as refeições, os patriarcas mandavam seus escravos descarregar o algodão, para a partir dele utilizando um pequeno engenho, fabricarem redes e roupas para o trabalho dos demais escravos. Eles eram reponsáveis também pela cozinha, copa, sendo que à época da Lei do Ventre Livre, tornaram-se ainda tecelões. Nas fazendas de gado, o número de escravo era pequeno “a maioria dos fazendeiros não possuíam mais de seis [...]”,<sup>31</sup> pois ainda podiam contar com o nascimento dos filhos dos escravos, que juntamente com seus pais faziam as tarefas de carreiros, vaqueiros e no trabalho nas pequenas lavouras.

Os fazendeiros tinham assistentes para trabalhos específicos, como o ferreiro, o carapina, o oleiro. Os primeiros eram responsáveis pela fabricação de enxadas, foices, machados, pregos, tachos (pregos pequenos), ferros para marcar o gado, este último feito ao colocar o ferro em alta temperatura numa fomalha, onde o fogo tornava-se constante com o auxílio de um fole (instrumento que se enchia de ar, ao fazer movimentos contrateis com as duas mãos, alimentando as chamas) o passo seguinte, utilizar as tenazes com longos cabos para retirar os ferros com

---

<sup>30</sup>HALBWACKS, Maurice. *Memória coletiva*, São Paulo: Vértices, 1990. p. 34.

<sup>31</sup>LAMARTINE, Juvenal. *Velhos costumes do meu sertão*, p. 15.

segurança da fomalha, por fim colocava no torno do ferreiro “[...] um engenho de ferro onde se colocavam as peças, devidamente apartados com um jogo de parafusos, para serem limados, serrados, polidos [...]”.<sup>32</sup> O segundo assistente era o oficial de carapina, responsável pelo fabrico dos utensílios de madeira. Utilizava-se principalmente da madeira de angico, perfeita para se fazer nos sertões mesas e barcos; a aroeira também era usada para a feitura de mesas; o cedro especialmente utilizado na confecção de imagens religiosas, bem como caixas, barcos, caixões, estrados; a madeira mulungu fazia-se malas; a pau-amarelo, caixas; o pau-d’arco para malas, mesas. Os carapinas para trabalharem a madeira contavam com o auxílio da barruma ou veruma para fazer pequenos furos; pregos para encaixar a madeira; lima grossa para deixar a madeira mais lisa e uniforme; o badame para abrir a madeira; o martelo de ferro; o serrote curto e longo; a serra bração para cortar as madeiras mais espessas. O oleiro utilizava-se como matéria prima, o barro, estes encontrados nas margens dos rios, onde era retirado, depois o molhavam durante uma noite, usando o gado para pisá-lo sobre os couros. Após este momento, o barro era colocado em formas de acordo com os desenhos ao qual iria ser transformado, como era o caso das telhas, usavam o cágado, depois colocavam ao sol para a secagem e assim era queimado na caeira por três dias até que enrijecessem e torná-los e resistentes às intempéries do sertão.

Os patriarcas eram responsáveis pelo controle de seus homens, de suas fazendas de suas famílias, geralmente cultivavam milho e feijão numa área de várzea medindo dois hectares, no intuito de colhê-los nos meses de inverno. Estes fazendeiros acompanhavam o dia-a-dia do trabalho de seus escravos, vaqueiros e assistentes, com o objetivo de melhor controlá-los e garantir-lhe um maior rendimento financeiro para seu investimento nas fazendas e no criatório de gado.

---

<sup>32</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo. *Velhos inventários do Seridó*, p. 47.

Com a chegada do inverno, mandavam “suas tropas de muares à Serra do Teixeira (Paraíba)[...]”<sup>33</sup>, para vender seu milho, pois lá pagava-se um melhor preço por seu produto, e traziam o feijão e a farinha de mandioca.

O poder temporal de mando do patriarca era tido por todos com respeito e obediência, criando um imaginário de medo nos outros indivíduos e até mesmo nas pessoas de sua família, onde até mesmo o simples ato de se fazer à barba, os filhos “[...] precisavam obter licença [...]”<sup>34</sup>, quando se casavam não podiam fumar na sua presença, tiravam o chapéu da cabeça, e em alguns casos o prestígio social dos patriarcas era tão grande, que alguns indivíduos não pertencentes a sua família, os consultavam para saber a forma de como deveriam agir, até mesmo nos relacionamentos pessoais, brigas entre vizinhos; eram chamados para mediar as pazes entre eles, enfim, métodos sociais representativos desta sociedade, um lugar de destaque ocupado pelos patriarcas nos sertões.

Esses patriarcas também se envolviam no trabalho com o gado, pelo fato da pequena rentabilidade que este tipo de atividade rendia, bem como pelo alto valor da mão de obra escrava, obrigando o patriarca a trabalhar nesta atividade. Todavia, isto não quer dizer que o mesmo fazia o trabalho árduo do vaqueiro e dos escravos que possuía, mas sim, que trabalhava compulsoriamente, ou seja, acompanhava em algumas ocasiões os seus demais empregados, no pastoreio, na apartação, curando as bicheiras do gado.

No trabalho diário das fazendas existia juntamente com os escravos e assistentes, o vaqueiro, que geralmente eram pequenos proprietários, devido ao fato de não possuíam capital suficiente para a compra de terras maiores e animais, trabalhavam para os patriarcas, numa relação de controle e obediência, onde o contrato existente era feito de forma verbal. O patriarca

---

<sup>33</sup> LAMARTINE, Juvenal. Op. cit., p.43.

<sup>34</sup> LAMARTINE, Juvenal. *Velhos costumes do meu sertão*, p.47.

<sup>35</sup> KOSTER, Henry. *Viagem pelo Nordeste do Brasil*, p. 163.

atraiu para si esta mão de obra que vinha agregada aos braços aos filhos dos vaqueiros e mulheres, aumentando o número de indivíduos sob sua tutela e controle, aumentando também a sua rentabilidade no cuidado com o gado. Tal atividade, porém, atraía poucos dividendos para a maioria dos vaqueiros, poucos eram aqueles que ascendiam socialmente, o obrigando a praticar outras atividades ligas ao criatório, como o aluguel de uma terra pertencente a um fazendeiro, no intuito de plantar e colocar a sua parte do gado na “*sorte*”, para um dia tornar-se fazendeiro.

Com o aumento no número de fazendas a partir de final do século XVIII, o número de vaqueiros logicamente, também se fez sentir, originando os encontros entre eles, prática feita de dois em dois anos “[...] com o fim de apanhar o gado”,<sup>35</sup> onde são marcados os bois cada um com sua marca privativa, ou seja, pertencente a cada fazendeiro. No entanto, este tipo de serviço era possuía um nível considerado de periculosidade, pois o costume da época, era cercar o gado somente com vaqueiros, estes dispostos em círculos juntamente com seus cavalos, e alguns bois bravos fugiam mato adentro, obrigando o vaqueiro a persegui-lo. Neste empreitada o vaqueiro dispunha de uma vara longa para poder alcançar o boi. As dificuldades dos caminhos da caatinga, obrigavam-o a cavalgar de um lado para outro do cavalo, onde muitas vezes, o vaqueiro é atingido pelos espinhos e galhos da vegetação e até em casos mais graves, o mesmo era atingido pelos chifres do próprio animal.

O vaqueiro também era responsável para domar e amansar os cavalos. Iniciava o processo, prendendo o animal a um poste de pau no curral durante um dia, ao entardecer do dia seguinte, caso o animal aparenta-se estar mais calmo, o vaqueiro colocava no animal uma cela baixa e um cabresto duplo, se o animal ficasse mais arredio, utilizava as esporas e o chicote para amansá-lo, e no fim deste embate, o animal obedecia às ordens das rédeas comandadas pelo vaqueiro.

---

Os laços familiares eram fortes desde muito cedo, expandindo seus conceitos e valores a casa dos filhos que agora formavam novas famílias, que com o tempo foi um dos pilares para o aumento da pequena população nestes sertões, juntamente com o criatório do gado, deram origem mais tarde as primeiras freguesias, como a Vila do Príncipe (Caicó), Vila da Princesa (Açu), Pau dos Ferros, Portalegre, Apodi, Florânia, Currais Novos, Acari.

Agora, como eram criados esses filhos dos fazendeiros? Quais os papéis desenvolvidos por eles nesta sociedade? Para nós, a “[...] vida privada e família (estão) [...] ligados à manutenção dos laços sociais, ao trabalho doméstico e as práticas de consumo”,<sup>36</sup> são todos eles, aspectos formadores da personalidade de cada indivíduo, onde as dificuldades da vida nos sertões, modificaram sobremaneira as práticas sociais destas pessoas. Aos homens cabia, estarem preparados para a luta pela sobrevivência, lutando contra a seca e as adversidades, para a defesa de seu território (a fazenda) e sua família, aspecto chamado por Manuel Rodrigues de Melo de “a formação caudilhêsca [...] carboral”<sup>37</sup>. As mulheres cuidavam dos filhos e da família, faziam também trabalhos domésticos como a renda, os bordados, as costuras entre outros serviços do lar.

Tal dicotomia de funções destinadas às mulheres mostra-nos uma divisão explícita entre os dois mundos, o masculino e o feminino. O primeiro era o mundo simbolicamente representado na figura do patriarca, que era o chefe da família, responsável pela fazenda, e do outro, as mulheres, mantenedora da educação, dos bons costumes e da manutenção do ideário cristão no seio da família.

No tocante as práticas sociais relativas ao matrimônio nos sertões seridoenses, criaram-se rituais como o do casamento, onde o casal após este momento retirava-se para a lua de mel, encontravam na cama “[...] o lençol da noiva furado no centro para facilitar a cópula

---

<sup>36</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Dominios da História*, p. 260.

<sup>37</sup> MELO, Manuel Rodrigues de. *Patriarcas e carreiros*, p. 130.

resguardando, naturalmente, o corpo dos olhares dos noivos. Na manhã seguinte [...] os lençóis eram estendidos à admiração do público, como prova da virgindade da noiva e virilidade do noivo”.<sup>38</sup>

Gostaríamos de enfatizar estas duas práticas da sociedade seridoense. No caso da noiva o vestido com vestígios da relação sexual, servia como prova de que ela havia casado virgem e também o fato de ser digna do respeito e da honra da sua família para as demais pessoas da sociedade. Este fato era corroborado pelo costume desde a infância das moças, saíam a locais públicos somente acompanhadas dos pais, no restante do tempo ficaram em retiro dentro de casa, não apareciam para as visitas, somente o faziam no caso de parentes próximos ou a um pretendente escolhido por seu pai, prática comum e, portanto bastante aceita. No segundo caso com relação ao marido, o lençol após o casamento, representava a sua capacidade de gerar filhos e de honrar também a família ao qual inseria-se neste momento em diante.

Tal prática era tida como um padrão de comportamento no Seridó, uma mentalidade como afirma Le Goff, sendo esta “[...] aquilo que muda mais lentamente [...]”,<sup>39</sup> enraizando no cotidiano. Os rapazes orgulhavam-se de ser donzelos, guardando-se da mesma forma como as mulheres até o dia do casamento, talvez por isso a explicação de casamentos entre pessoas muito jovens, os homens geralmente casavam-se entre os dezoito e vinte anos de idade, as mulheres entre os doze, quinze anos.

A divisão física da casa representa esta dualidade de mundos. Existiam duas salas, uma destinada aos homens, também conhecida na época pelo nome de copiar, isto é, tipo de alpendre, varanda, área destinada ao recebimento de vizinhos, vaqueiros e viajantes; a outra sala não

---

<sup>38</sup> MELO, Manuel Rodrigues de. *Patriarcas e carreiros*, p. 129.

<sup>39</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*, p 139.

possuía janelas, era pertencente às mulheres “[...] para que não fugissem”,<sup>40</sup> talvez pelo receio da entrada de estranhos sem a permissão do patriarca, este exemplo defendido por Juvenal Lamartine em seu livro *Velhos costumes do meu Sertão*.

Aos olhos de hoje, esta atitude nos parece preconceituosa e inconcebível, porém é necessário olharmos e entendermos esta prática social, com o olhar deste tempo, pois fazia parte das relações sociais amplamente difundidas e defendidas pela sociedade seridoense, representava um cuidado de defesa para com a família pelo fazendeiro, já que a sala das mulheres ficava localizada no sentido contrário ao dos homens, e a ausência de janelas dificultaria os possíveis ataques de inimigos dos fazendeiros.

Quanto ao tamanho das casas não encontramos dados específicos ao Seridó, porém, ao lermos Olavo de Medeiros filho *Velhos inventários do Seridó* o mesmo recorreu para o preenchimento desta lacuna, os Inventários Mossoroenses, dando-nos assim um possível tamanho padrão das casas no Seridó, medindo aproximadamente 58 metros quadrados, com o teto feitos de palhas e as paredes de barro. Das pessoas mais abastadas mediam entre 145 a 193 metros quadrados com mais de três mil telhas.

O medo da presença de estranhos nas fazendas, fez surgir à prática de se anunciar a chegada, o visitante falava em voz alta “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual respondia uma pessoa da casa: para sempre seja louvado. Já bem mais tarde é que se dizia: - Ô de casa! - Ô de fora! – É de paz...”<sup>41</sup>. Uma invenção que ajudava a manter a segurança nos sertões. Uma prática bastante praticada nos sertões era a anúnciação do visitante quando de sua chegada na fazenda, tática utilizada desde a época dos primeiros povoados do Seridó em fins do século XVII, pois as fazendas existiam em pequeno número, daí a necessidade de localização das

---

<sup>40</sup> MELO, Manuel Rodrigues de. *Patriarcas e carreiros*, p. 23.

<sup>41</sup> LAMARTINE, Juvenal. *Velhos costumes do meu sertão*, p. 16.

mesmas. Para ajudar na localização da fazenda, usavam os búzios, para propagarem a voz, tarefa feita pelos escravos, que gritavam a cada meia hora, para direcionar os indivíduos nos sertões em direção das fazendas.

Para analisarmos os fazeres diários nas fazendas, o modo de viver, de morar, de vestir, de comportar-se, recorreremos principalmente ao trabalho do historiador Olavo de Medeiros Filho, *Velhos inventários do Seridó*. No tocante a habitação, ela se apresentava de forma variada, pois existia a casa dos moradores mais pobres, cujas suas casas eram feitas de barro cobertas por palhas; e as casas dos fazendeiros, mais elaboradas com espaços, como por exemplo, a casa que pertencia ao sargento-mor Felipe de Moura e Albuquerque, do sítio Belém, no Acari (1789), “Huma morada de cazas de vivenda terreas e de taipa cobertas de telhas, com hum Oratório e Altar de madeira lisa pintado xammente , onde se celebra missa, com cazas de Senzala coberta de telhas já derrotadas”,<sup>42</sup> a área da frente possuía a mesma largura da casa, com uma única porta, tendo duas janelas abertas para o copiar, próxima a sala existia uma porta do meio, dando acesso ao corredor, próximo a este, encontrava-se os quartos de dormir, em sua maioria em número de dois, um para o casal, este servia também de dispensa para os alimentos, e o outro para os filhos solteiros.

O mobiliário das casas era composto por cadeiras e tamboretas forradas de couro, localizados no copião ou nas salas dos homens. Nos quartos colocavam os grandes e pesados baús de madeira, para guardar a roupa da família, redes, lençóis. No quarto do casal havia uma cama, esta toda trabalhada com desenhos típicos da região. Havia dois grandes cômodos de madeira, com mudas de roupas, masculinas e femininas, juntamente com a farda da Guarda Nacional do patriarca. No corredor não havia móveis, era usado geralmente para se guardar mantimentos comuns à alimentação da época. Havia grandes alpendres para se estender às redes, bem como os

---

<sup>42</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo. *Velhos inventários do Seridó*, p. 53.

objetos muito utilizados no criatório, como as cordas de laçar, os ferros de marcar boi, as selas, etc.

As cozinhas em sua maioria possuíam panelas de barro, mais em algumas das pessoas mais ricas do Seridó, tinham a trempe, um arco de ferro aparado em três pés utilizados para a sustentação das panelas que vão ao fogo, peça feita de cobre, material importado, onde se faziam queijos e manteiga em garrafas, conhecida como manteiga da terra, existindo ainda, uma outra cozinha localizado em outra sala, local onde se preparavam as ceias e os jantares, feitos em fogões de alvenaria e de chapa de ferro. Os alimentos eram preparados em panelas de barro cozido feito pelos assistentes dos fazendeiros, conhecidos como louçeiros. Os patriarcas possuíam louças mais bem trabalhadas, de porcelana, estas importadas da Europa, chegando ao Seridó vinda dos Recife.

As práticas religiosas em conformidade com as escrituras bíblicas, adentraram o imaginário das pessoas mais simples, as mais abastadas, tonando-se um costume quase unânime entre todos eles. Neste sentido, comungamos com pensamento de Ginzburg, ao afirmar que, “[...] cultura popular se define também, de outro lado, pelas relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida”,<sup>43</sup> portanto, não entendemos que a religiosidade da população mais simples, seja como uma percepção alheia dos seus costumes, mais sim que, estas tradições foram sendo assimiladas e modificadas de acordo com a sua realidade dos sertões. A presença de santos nas casas serviam como um suporte religioso, ligando os homens a Deus, como intercessores terrenos das vontades, ânsias, medos, preocupações de insegurança, sempre presentes, devido ao isolamento entre as fazendas, criando uma relação de proximidade entre a população sertaneja e os representantes

---

<sup>43</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*, p. 152.

<sup>44</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo. *Velhos inventários do Seridó*, p. 132-133

divinos simbólicos na terra, povoando as casas e o imaginário de imagens sacras. Agradeciam pela graça da proteção de suas vidas e de seu trabalho quotidianamente, para tanto como demonstração de sua fé, aglomeravam-se em procissões, missas e dias de santos, tornando costume no sertão seridoense.

O caráter religioso estava tão arraigado no imaginário do povo do Seridó, desde os mais pobres até os mais abastados. A preocupação dos patriarcas chegou a nós através dos testamentos deixados por eles, onde podemos detectar claramente a vontade do futuro morto em ter sua alma encaminhada aos céus, como foi o caso de Inácio da Silva de Mendonça, onde diz “[...] me acho enfermo de cama tememdoma da morte [...] encomendo a minha Alma a Deus nosso senhor que a criou e espero que pellos merecimentos da Morte e Payxam de nosso Senhor Jezus Cristo aha de salvar[...]”<sup>44</sup>.

Outro fato cheio de sinalizações da religiosidade era o sepultamento, onde pediam através destes, que se rezassem missas em seu nome, para melhor encaminhar ao céu, para tanto deixavam esmolas, e em alguns casos, deixavam nos testamentos a função dos familiares vivos, a tarefa de construírem-se capelas através de seu mando, mesmo já estando mortos.

A religiosidade penetrava nas casas, pelo intermédio de reproduções de imagens de santos expostos nas paredes, estas eram feitas em sua maioria de barro e colocados em oratórios de madeira, algumas dessas imagens eram feitas de prata e ouro, sendo os principais santos devotos dos seridoenses, São Sebastião, São João Batista, Santa Luzia e São José.

A ligação entre os patriarcas e a igreja era tão intensa que, criou-se o costume de enterrar os corpos destes abastados dentro das igrejas, às vezes próximos ao cruzeiro da igreja, na capela – mor, ou no próprio corpo da igreja, local onde ficavam os corpos dos padres e dos seus benfeitores.

---

Outro fator de grande importância na conformação do cotidiano seridoense eram as práticas religiosas trazidas pelos portugueses desde o início da colonização do litoral na América Portuguesa, mais tarde incorporadas em fins do século XVII ao Seridó pelas mãos das primeiras famílias colonizadoras vindas para estes sertões, juntamente com os missionários. Percebemos que, o ideário religioso reflete-se nos costumes quando na madrugada rezava-se por volta das duas horas, que sinalizava o representando o começo do dia o ofício de Nossa Senhora, em família tendo a frente o pai e a mãe, era a primeira benção para mais um dia de trabalho, mais um dia de vida, uma forma de agradecimento pelas “dádivas divinas”, recebidas pelos mesmos.

Terminadas as orações, às quatro horas da madrugada, iniciava-se o trabalho, terminado às sete horas da manhã, hora de almoçar nos sertões, hora de comer carne assada com coalhada e farinha de mandioca. O jantar era servido ao meio dia, tendo como prato principal carne de gado com rapadura e cereais terminava-se esta refeição com o chá ou café, com desjejum dos alimentos, o dia para os sertanejos era contado de doze em doze horas, não por vinte e quatro horas, mais sim um relógio natural representado pela natureza, pelos raios de sol, o chegar da noite, o cantar do galo nas madrugadas, este era o referencial utilizado por eles no seu dia a dia.

Quanto à alimentação, era muito comum nos sertões seridoenses em épocas de secas mais intensas, o consumo de carnes de caça, como o tatu, o mocó, o preá, o porco, a peba, o veado, chegando a gerar em 1827 “[...] um vultuoso comércio de negócios nos Brejos, havendo pessoas que compraram escravos”,<sup>45</sup> na região, pelo fato das dificuldades na obtenção de alimento, saciavam a fome comendo estes animais. Complementando a mesa sertaneja, a arribação, uma espécie de ave muito comum no nordeste brasileiro, consumida até hoje

Os peixes típicos do Seridó eram a traira e a curimatã, consumidos vorazmente na seca de 1744, onde os sertanejos “[...] moradores do rio Piranhas se viam na precisão de desmanchar as

---

<sup>45</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo. *Velhos inventários do Seridó*, p.67.

redes de dormir para a pesca dos peixes, sendo este tão magro que só tinha a escama e a espinha e sem outra mistura que água e sal”.<sup>46</sup> O sal era usado pela necessidade de conservação da carne bovina e para o consumo nos sertões, bem como nas áreas litorâneas.

O calor intenso fez criar o costume de se tomar caldo de cana de açúcar nos sertões, para refrescar os sintomas das altas temperaturas nas pessoas. A partir da cana fabricaram-se os açúcares branco, preto, puro, mel de engenho, doces de engenho. Dos derivados do leite de cabra e de vacas, fez-se queijos, como o coalho, de manteiga, este último servindo também para o tempero das comidas típicas da região.

Contudo, o alimento mais consumido, era a farinha de mandioca, objeto de ambição por parte dos holandeses no século XVII, onde buscavam e conseguiram a posse da Capitania do Rio Grande, como o intuito de abastecer as suas posses territoriais de Pernambuco e da Paraíba. As dificuldades alimentares impostas pelo clima difícil fizeram os seridoenses desenvolverem e descobrirem novos alimentos, como as raízes e frutas do agreste, como o xiquexique, comendo o seu miolo, pois o resto da planta possuía muitos espinhos.

A distância existente entre o sertão e os outros centros urbanizados como Recife e Salvador, fizeram os sertanejos desenvolverem um aparato instrumental coerente, (utensílios usados no dia-a-dia) com a atividade desenvolvida na região, o criatório de gado. Foi a partir dele que os indivíduos confeccionaram colheres de chifres de boi, bem como fabricaram a partir do barro à beira dos rios, recipientes como potes, pratos entre outros objetos.

A mesa para servir os alimentos era o chão “[...] comiam em cima de um couro de boi, cru, com pêlo para cima, coberto com toalha de algodão, fabricado no próprio tear [...]”,<sup>47</sup> assim inventando uma privacidade possível nos sertões, dos modos ao quais os portugueses estavam

---

<sup>46</sup> Ibid., p. 68.

<sup>47</sup> MELO, Manuel Rodrigues de. *Patriarcas e carreiros*, p. 128.

acostumados a praticar na Europa e no litoral da América Portuguesa. A refeição feita à mesa nos sertões, espelhava-se na ceia cristã, tornando-se tradição, viva até hoje, só que em menor proporção devido às mudanças culturais advindas com a modernidade.

Pela manhã, reuniam-se as famílias ao redor dos currais e bebiam o leite cru diretamente das tetas das vacas. A carne era um alimento que não era encontrado nas feiras, então era necessário matar o animal para depois poder ingerir sua carne, não havia abatedores de gado em grande escala, existiam somente os locais, com o gado abatido, fazia-se agora um prato muito apreciado no Seridó, conhecido como mão de vaca “[...] preparada com as extremidades da carne bovina [...] juntam, às vezes, intestinos e frissuras [...]”,<sup>48</sup> bem como o pirão, tornando-se num alimento com grande teor calórico, no intuito de suprir de resistência ao sertanejo devido ao seu duro trabalho no dia a dia da fazenda.

No entanto esta alimentação não era servida a todos democraticamente, por sua vez, os pobres e os escravos, comiam feijão com farinha de mandioca ou de milho, juntamente com a rapadura o açúcar natural dos sertanejos. Como eles não tinham o acesso a carne de gado, recorriam a carne de caça, comum na região, como o peba, o jacu, o tejo. A situação agravava-se mais nas épocas de secas mais intensas, onde os animais de caça ficavam escassos e assim comiam as chamadas *Comidas brabas*, certas plantas tóxicas, como o pau-pedra, para aliviar a acidez deste alimento, misturava juntamente com o xiquexique e a macambira. O único alimento democrático ao consumo de todos, eram os peixes, como a traira, a curimatã, o piau, o peixe branco e a piranha.

A dualidade existente entre os sinais do clima e as dificuldades da vida sertaneja criou nestes homens, uma grande percepção desta realidade, esses fatores o tornaram sujeitos capazes

---

<sup>48</sup>LAMARTNE, Oswaldo. Vocabulário do criatório norte-rio-grandense. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, p.187.

de inventar a todo instante, formas estratégicas de sobrevivência próprias, práticas unas, reveladoras de um alto grau de sensibilidade do ver e viver nos sertões. Muitos sertanejos do Seridó tornaram-se figuras importantes, pois preconizavam pelos sinais da natureza, indicando se o ano seria bom ou mal para a população, se a seca seria mais intensa do que as anteriores, em qual época deveriam plantar, se o gado iria perder ou ganhar mais peso, se as chuvas trariam melhores pastos. Toda essa capacidade de análise transformou muitos desses indivíduos, nos chamados "*Profetas do Sertão*", onde a tradição os elevaram a uma condição de destaque dentro desta sociedade.

Esses homens passaram a ter um poder vital importância no cotidiano das sociedades sertanejas. As informações trazidas por eles eram aguardadas e recebidas com grande entusiasmo e fé, revelando toda uma relação de dependência entre eles e os homens comuns, pois havia de se aguardar os profetas analisarem os sinais do clima, para após este momento anunciar a população se era tempo para plantar, desencadeando assim, todo um planejamento das atividades desenvolvidas na fazenda.

Todavia, ressaltamos o poder da interferência dentro da estrutura social dos sertões que esses homens possuíam, por isso, a qualquer momento se suas análises não viessem a ter êxito, poderiam perder sua credibilidade, algo que nos sertões era de imenso valor. Todos se preocupavam sobremaneira com o seu nome, e que a possibilidade de ser julgado por seu mau trabalho acarretaria uma discriminação quase que imediata com relação ao seu nome, tornando-o desacreditado naquela área onde morava. Outro fato de grande importância era a palavra, onde diziam que as mesmas não se perdiam no vento, se o profeta ou uma pessoa comum, dessa sua palavra era obrigada a cumpri-la ou tornava-se mal visto pelos demais indivíduos. As duas práticas existentes da sociedade seridoense arraigaram-se em seu cotidiano, chegando até os dias atuais, mesmo que de forma menos intensa.

A estruturada sociedade seridoense tinha em seu ápice, o patriarca, chamado por Manuel Rodrigues de Melo “[...] nosso pater família nordestino [...]”,<sup>49</sup> tido como o representante dos bons costumes, o guia da vida do sertanejo, criando para si um imaginário social de o homem da boa estirpe, ou seja, da melhor qualidade existente.

È interessante notar que estes valores a cerca do patriarca são destacados na historiografia do Rio Grande do Norte, principalmente nos trabalhos de Câmara Cascudo, José Augusto de Medeiros. Ambos defendiam que os desmandos do patriarca, como a utilização da violência “[...] não ofuscava (nos sertanejos) o prazer de obedecer”.<sup>50</sup> Tais prerrogativas apresentadas nestes termos é decorrência da mentalidade bem marcante no imaginário coletivo sertanejo, com os quais estes escritores conviveram muito proximamente, quando não oriundos de famílias lideradas por estes patriarcas. Agora, partindo de uma nova forma de abordagem histórica, podemos o entender que estas práticas, aliadas ao poderio econômico desses homens, e o seu poder de convencimento e persuasão sobre os dos demais indivíduos, marcou profundamente o imaginário com relação paralela ao terror, de respeito, o que mais tarde irá transformar os patriarcas em coronéis.

Para a execução do trabalho realizado nas fazendas e as tarefas ligadas a ela, como as perseguições ao gado, recorreu-se à criação de roupas mais resistentes de acordo com a sua atividade, devido à densa vegetação das caatingas e seus espinhos, causadores de muito ferimento nos vaqueiros e viajantes.

Para fazer tal indumentária, recorreram ao material mais resistente que dispunham, o couro do gado, o que revela uma “[...] herança de saberes e de saber fazer”,<sup>51</sup> possibilitando a criação de roupas mais resistentes as adversidade encontradas no dia a dia dos sertões. A

---

<sup>49</sup> MELO, Manuel Rodrigues de. *Patriarcas e carreiros*, p. 19.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>51</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínio da História*, p.267.

fabricação destas indumentárias foi necessária pelo fato das roupas vendidas no litoral serem muito caras, bem como o tecido com quais eram feitos, não resistiam à dura realidade dos sertões. Para tanto, construíram-se vestimentas simples, mais de alta durabilidade, como o guarda peito, feito de uma peça de couro curtido, vestido sob o gibão, com a utilidade proteger o peito e o ventre do vaqueiro, nas carreiras no mato. Ele é usado da seguinte forma, coloca-o sobre a camisa, prende-o ao corpo por intermédio de tranças de couro que se cruzam nas costas do cavaleiro. Os vaqueiros sempre o usavam com o gibão, tornando-se um hábito, desta maneira o vaqueiro estava sempre preparado para o trabalho a qualquer instante, bastava o fazendeiro o acionar.

Os mais abastados como já dissemos, concentravam em suas mãos a economia local, possuíam sob seu jugo, os vaqueiros, os escravos e inúmeros agregados, estes últimos vivendo ao redor das fazendas, fazendo pequenos serviços com o gado e na lavoura. Para estudarmos mais profundamente estes aspectos trabalhistas, iremos recorrer aos *Velhos Inventários do Seridó* de Olavo de Medeiros.

No trabalho com o gado, os vaqueiros contavam com o auxílio de cordas de laçar, para ajudá-lo a melhor controlar e ou reaver o gado fugitivo dos limites da fazenda. Para melhor localizar o gado, fabricou-se chocalhos, uma espécie de “[...] instrumento de metal, em geral confeccionado de latão, cobre ou bronze [...]”,<sup>52</sup> preso ao pescoço do animal, para assim possibilitar a audição do barulho ao caminhar, facilitando a busca. Outro instrumento bastante utilizado, o serrote, para serrar as pontas dos chifres dos touros, estes causadores de acidentes no interior das fazendas, bem como em áreas onde estavam soltos para pastar, costumavam atacar os moradores nos caminhos.

---

<sup>52</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo. *Velhos inventários do Seridó*, p. 27.

Com o aumento no número de cabeças de gado, os fazendeiros recorreram aos ferros para marcá-los e assim identificá-los em qualquer local dos sertões como sendo de sua propriedade. Existia também os roubos de gado, daí a importância da marcação. No caso de venda de gado para outros fazendeiros, faziam da seguinte forma a organização destas marcas de ferro “o primeiro dono de um animal ferra-o na coxa, os que vão comprando ou adquirindo de qualquer sorte vão-nos ferrando para cima. O último ferro é o que regula”<sup>53</sup>.

O gado sofria bastante com as bicheiras, provocadas pelos insetos, gerando feridas, abertas, propícias a proliferação de bactérias e assim formavam grandes ferimentos. Para contornar tal situação, usava-se a lanceta, um instrumento de uso veterinário, tendo como função, provocar sangramentos no local infectado, acabando com as bicheiras com o auxílio do mercúrio. Com a chegada do inverno no Seridó, era a época da apartação do gado, ou seja, a separação da cria da mãe, deixando de dar leite até o nascimento da próxima cria. Este momento coincidia com o São João e a festa de Sant’ana, ganhava portanto um contexto religioso muito forte aos sertanejos. Este era um momento muito importante no cotidiano no Seridó, para tanto, reunia-se os fazendeiros com as suas famílias e seus vaqueiros. Era o tempo em que a pega do gado começava na segunda-feira e terminava na sexta-feira, onde se fazia a apartação tão esperada. Os vaqueiros partiam ainda na noite escura, de madrugada, indo a frente um vaqueiro mais experiente, conhecedor dos caminhos, perseguindo o gado por todo o dia, até a chegada de noite, reuniam-se “[...] ao redor da fogueira que ardia no pátio, ou desenfadando-se em redes nos alpendres, eram contados [...] os feitos do homem, do cavalo e do boi”<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> Ibid., p. 27.

<sup>54</sup> LAMARTINE, Juvenal. *Velhos costumes do meu sertão*, p. 98

O vaqueiro tornou-se conhecido na região, em histórias contadas de boca em boca, gerando crenças meio míticas ao seu respeito, o elevando a uma alta condição de honra e poder se comparado aos sertanejos comuns, isto é, os pequenos trabalhadores.

A igreja também participava da apartação, pois era a responsável pelas bênçãos aos vaqueiros, e assim após a apartação, recebia um dízimo pelos seus serviços religiosos. Somente após este momento, era que o vaqueiro recebia a sua sorte do fazendeiro, era a prática religiosa ligada às práticas do mundo laico, confirmando e ajudando a perpetuá-la através das tradições no universo imaginário do Seridó.

O meio natural do Seridó influenciava sobremaneira o surgimento de novas práticas sociais nas fazendas de criar gado, tornando necessário o desenvolvimento de táticas de sobrevivência identificadas a este contexto específico, pois o modo de viver no litoral era diferente. Lá eles estavam acostumados ao clima mais ameno, bem como viviam em áreas próximas aos rios perenes. Os colonos vindos de Portugal sofreram mais intensamente o choque climático e a escassez de alimentos correspondentes aos seus hábitos. Todos estes colonos, quer do litoral da América Portuguesa, quer de Portugal, tiveram que adaptar-se a esta realidade, levando-os, a buscarem os alimentos extraídos de animais de caça da região, bem como em época de secam mais intensa, procurar água na vegetação, nas frutas para sobreviverem. No tocante ao trabalho com o gado, desenvolveram métodos de aprisionamentos destes com estacas, na sua perseguição, criaram os chocalhos amarados ao pescoço do animal para facilitar a sua busca. Enfim, foram criando práticas corriqueiras, num trabalho de acertos e erros para chegar ao desenvolvimento de ferramentas, indumentárias e costumes, fatores importantíssimos para o sucesso da empreitada colonial no Seridó, bem como fator decisivo para as suas existências, econômica, social e cultural até os dias atuais.

## CONCLUSÃO

Com a pesquisa empreendida por nós, foi possível analisar como e quando o Seridó foi construído pelo colono branco, pois anteriormente a sua chegada, o espaço ali existente era que quase natural, pouco modificado pelos indígenas, levando o colonialismo português transformá-lo paulatinamente com o objetivo de atender a sua demanda econômica.

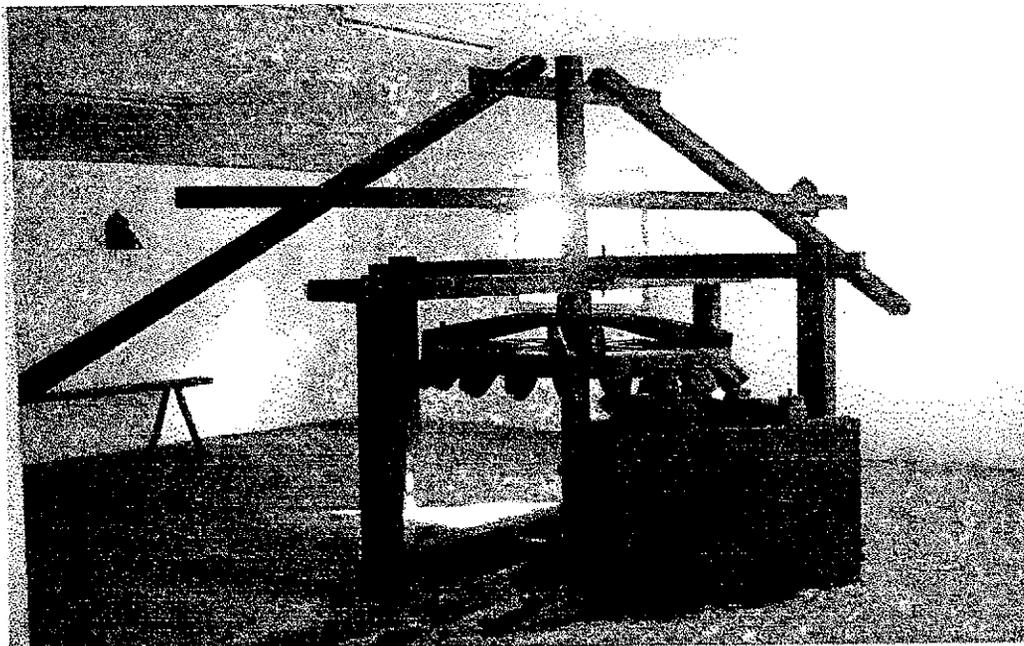
Tal viabilidade, foi possível graças a implementação do criatório do gado, servindo inicialmente no final do século XVII como suporte da indústria canavieira e seus engenhos litorâneos, sendo geradas novas demandas comerciais, conseqüentemente maiores investimentos. O grande número de funções e derivações de produtos advindos do gado, atraiu cada vez mais indivíduos para o Seridó, para servirem de braços para o trabalho nas fazendas e assim foi crescendo o número de habitantes, formando-se vilas e posteriormente, cidades, ambas importantes no contexto econômico, político e social no Seridó e na Capitania do Rio Grande do norte.

O aumento na exportação dos produtos do criatório de gado e seus derivados, originaram um maior contato entre os trabalhadores, gerando novos costumes, estes aliados a influência do clima semi-árido do Seridó, fazendo estes homens adaptarem-se às duras realidade do terreno, transformando todo seu cabedal cultural trazidos das áreas litorâneas, e especificamente no caso dos portugueses vindos de mais longe de Portugal, principalmente “naturais do Minho (Arcebispado de Braga)” e dos Açores, do Douro, de Estremadura e dos Trás-os-Montes, todos eles, misturando-se aos novos costumes pelo convívio, criando-se uma divisão peculiar de poder e de mando no Seridó, onde eles mandavam e os demais obedeciam.

O modo pelo qual se relacionavam era os laços de obediência dos empregados com relação aos seus patriarcas, baseado nas condições econômicas e de poder. Esses mundos antagônicos apesar de suas claras divisões sociais, misturavam-se através do cotidiano do trabalho com o gado, as suas culturas entrecruzavam-se, fazendo nascer novas práticas sociais, sendo um mito de cultura cristã com culturas pagãs liquidificadas aos novos laços sociais no trabalho das fazendas, gerando uma cultura nova e forte.

Esperamos através deste trabalho monográfico ter ajudado a diminuir a lacuna existente com relação ao Seridó, deixamos então nossa pequena contribuição para a historiografia regional do Rio Grande do Norte, onde a história do Seridó deve ser melhor atentada e valorizada.

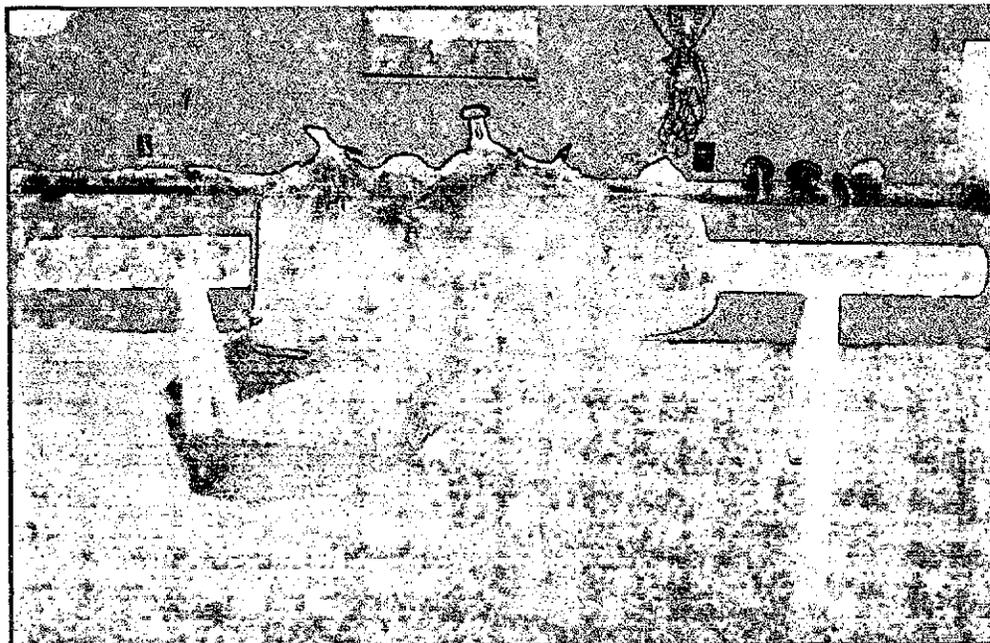
## ANEXO I

U  
BILANDEIRA CANGULA - USADA NOS ENGENHOS

**ANEXO II****INDUMENTÁRIAS DO VAQUEIRO DO SERIDÓ**

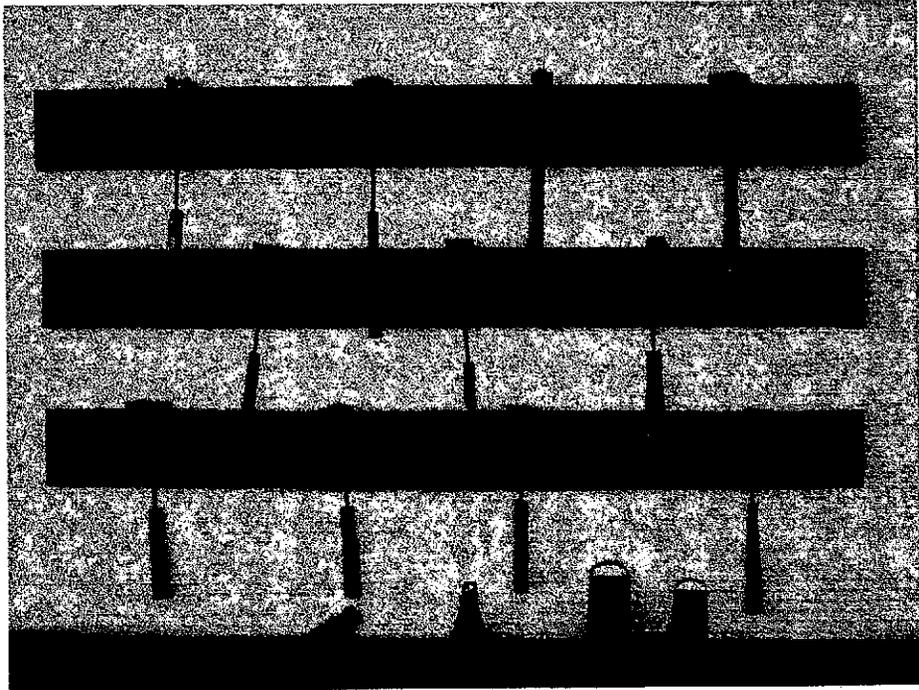
**ANEXO III**

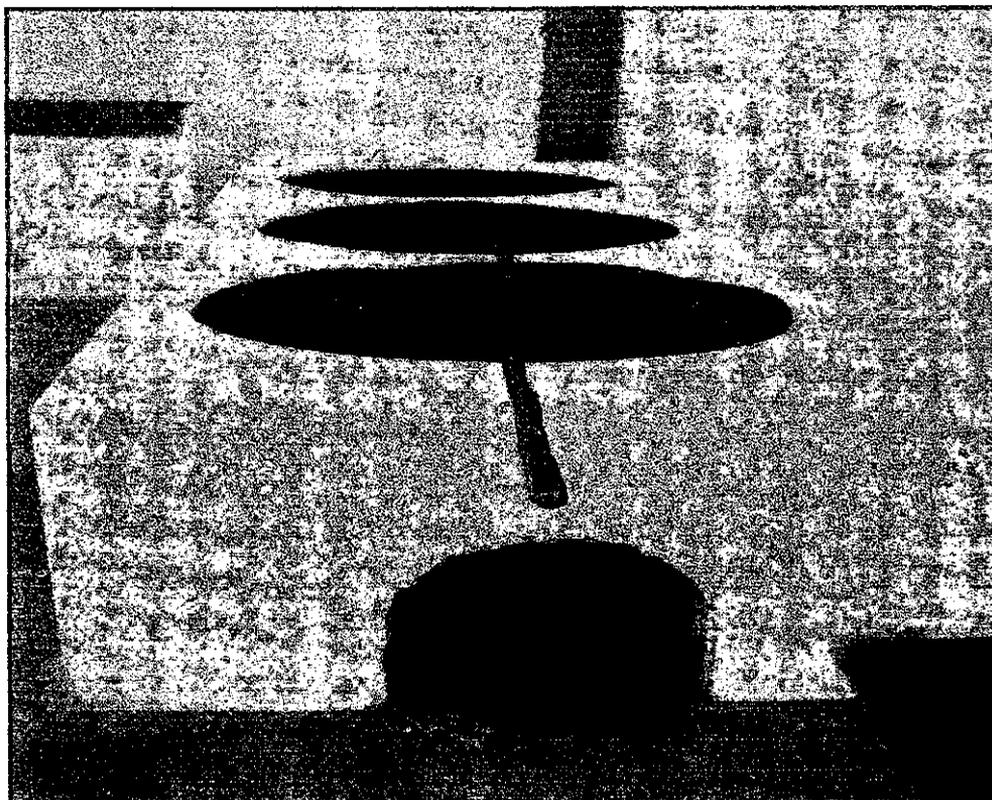
**SELA PARA MONTARIA**

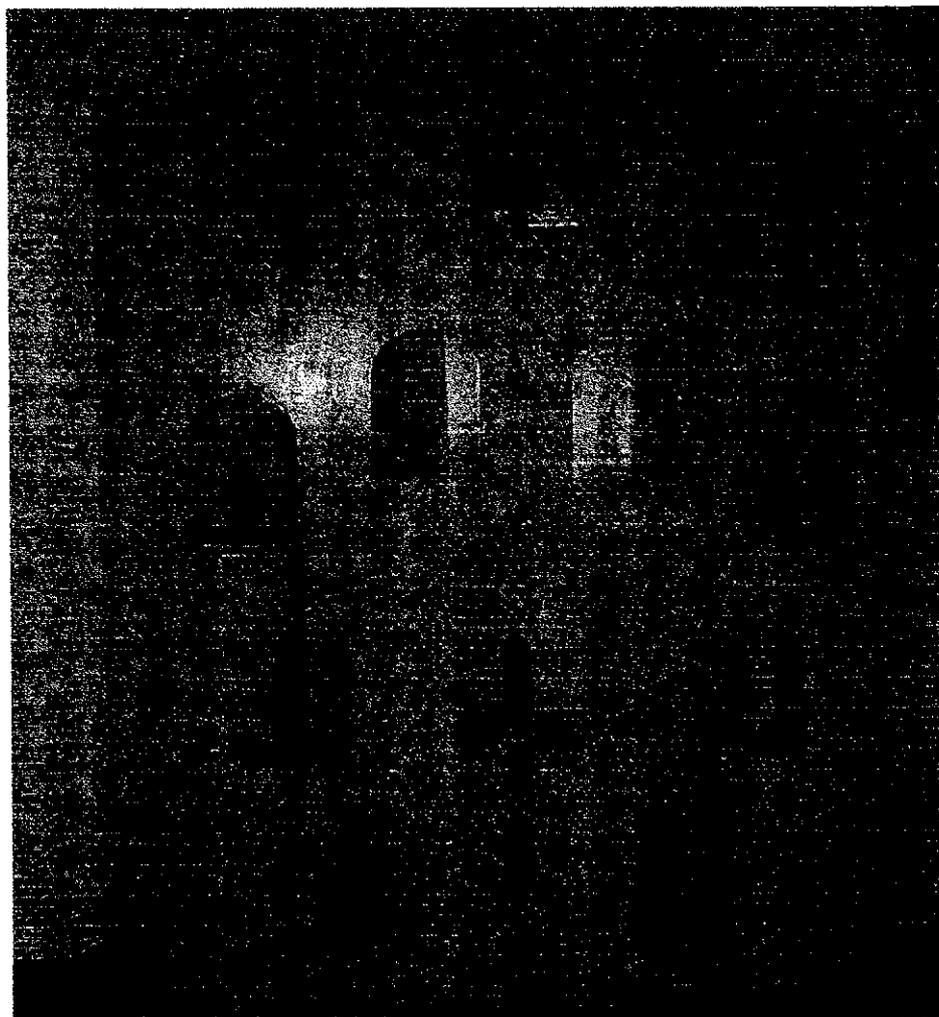


**ANEXO IV**

**FERROS DE MARCAR GADO**



**ANEXO IV****FOGÃO A LENHA**

**ANEXO VI****O ORATÓRIO**

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Dominios da História*. Rio de Janeiro: 11. ed. Campus, 199

CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do norte*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. 1955.

HALBWACKS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértices, 1990

KENNEDY, Muiraquytan .A penúltima versão do Seridó. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-UFRN, Natal.

KOSTER, Henry. *Viagem ao Nordeste do Brasil*. 2.ed.Recife:editora....., 1988

LAMARTINE, Juvenal. *Velhos costumes do meu sertão*

MELO, Manuel Rodrigues de. *Patriarcas e carreiros*. .

LAMARTNE, Oswaldo; AZEVEDO, Guilherme. *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Aconteceu na Capitania do Rio Grande*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997.

\_\_\_\_\_. *Velhos inventários do Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1983.

MONTEIRO,Denise Mattos. *Introdução a História do Rio Grande do Norte*. Natal. EDUFRN, 2000.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 4.ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1953.

PUNTONI, Pedro. *A Guerra dos Bárbaros*. Local. Ed. da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2002.

RIBEIRO JUNIOR, José. *Colonização e monopólio no Nordeste brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 1976.

SIMONSEN, Roberto Cochrane. *História econômica do Brasil: 1500 / 1820*. 8. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1978.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa: Edições 70, 1971.